



# HELENA VIEIRA

## SEM TÍTULO

resistimos a todas as noites não à nossa  
tudo indica que se insinua levita até  
uma primavera vulpe a que se somam  
detalhes médicos gongóricos e um tanto

da metafísica para desatar esta malha em rodilha  
uma oração disposta a todas as misérias  
um golo certo para abrandamento cardíaco  
mas continuamos gente, singular detalhe

paramos arrefecemos

neste mistério participado, entrelaç  
[de que seguramos  
firme a ponta para que nela recaia a substância  
de efeitos mágicos

morremos, nós que morremos tão apenas  
na hora conciliadora de todas as agulhas  
de bordado indiferente ao dedilhado

e desenrolamo-nos todos no chão

## RAQUEL NOBRE GUERRA

in *Groto Sato (mais duas marchinhas)*  
Prémio Primeira Obra do Pen Clube Português,  
Mariposa Azual, Outubro de 2013, p. 49.

## ARTE POÉTICA

Escrever um poema  
é como apanhar um peixe  
com as mãos  
nunca pesquei assim um peixe  
mas posso falar assim  
sei que nem tudo o que vem às mãos  
é peixe  
o peixe debate-se  
tenta escapar-se  
escapa-se  
eu persisto  
luto corpo a corpo  
com o peixe  
ou morremos os dois  
ou nos salvamos os dois  
tenho de estar atenta  
tenho medo de não chegar ao fim  
é uma questão de vida ou de morte  
quando chego ao fim  
descubro que precisei de apanhar o peixe  
para me livrar do peixe  
livro-me do peixe com o alívio  
que não sei dizer

## ADÍLIA LOPES

in *Obra*, Mariposa Azual,  
Dezembro de 2000, p. 18.

**HELENA VIEIRA** (Elvas, 1962) foi profes-  
sora e publicitária. Em 1998, fundou com  
Nuno Moura a editora Mariposa Azual.  
De um período editorial iniciático, des-  
taca-se a primeira reunião da poesia de  
Adília Lopes, em 2000, com três gravuras  
originais de Paula Rego. Após um inter-  
regno de oito anos, a Mariposa Azual re-  
gressou à actividade tornando-se numa  
das mais relevantes editoras de poesia  
portuguesa contemporânea. Em simultâ-  
neo, iniciou uma colecção de ensaios de-  
correntes dos trabalhos de investigação  
levados a cabo no Espaço Llansol. Mais  
recentemente, na companhia de Leonel  
Guerreiro, publicaram-se também na Ma-  
riposa Azual algumas obras de ficção, as-  
sim como a antologia de poesia *Voo Ra-  
sante*, coordenada por Helena Vieira, com  
a participação de 67 autores portugueses  
e brasileiros.

**DIGA 33**  
poesia no teatro  
às terças terças-feiras  
de cada mês

Programa elaborado por  
**HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO**



**2018**  
TEATRO DA RAINHA

## A ORELHA

Um idiota fala sobre poesia. Agora vais ter de lhe emprestar o ouvido porque ele é um homem a sério. O facto de ele estar zangado não te deixa qualquer dúvida que ele tem de obter a tua atenção. Como constantemente te dizem que o melhor é obedecer (para não criar tenções), cortas a orelha e deixa-la cair sobre as suas mãos. Agora podes dedicar-lhe o teu melhor olhar inquisidor. Acarinhei a intenção desse susto, demorei os olhos em cima deste pregador. Tenho de me lembrar desta cara particularmente, porque sei que isto vai tornar a acontecer.

Continuo a arrastar perguntas, tenho cada vez menos respostas, menos gente a quem perguntar. Como outro qualquer, carrego comigo coisas. Uma hierarquia de desrazões. Quanto mais explicações, menos motivos.

No coração de cada ideia é possível distinguir uma pedra, preta e compacta, porque absorveu toda a luz em redor. Tu estendeste a mão e estavas à espera da impressão do calor. É sempre a mesma história. Alguém deixou aqui o encaixe, mas não há bem uma língua que chegue para este grito nem um ouvido em que ele encaixe completamente. Isto é sobre uma comunicação interrompida. A história de um erro. Esmurrar a parede com a chave e estar à espera que o que se abra seja uma porta.

### TATIANA FAIA

in *Voo Rasante — Antologia de Poesia Contemporânea*, coordenação de Helena Vieira, Mariposa Azul, Fevereiro de 2015, p. 178.

BATER A PEDRA, BATER  
o chão. Perpendicular

a perna do homem, fio-de-prumo,  
constituindo medida e  
sustento do gesto. O homem calça-terra

agora está de joelhos.  
A gota do rosto  
deslizando como  
mínimo mar quase em queda.  
Sua boca toca a lata precisa de cócacóla.

E os passantes desajeitados  
acertam batentes tacões sobre o toscó  
fóssil desenhado.

### ELISABETE MARQUES

in *Cisco*, Mariposa Azul, Dezembro de 2014, p. 38.

**PRÓXIMA SESSÃO 16 DE OUTUBRO**

com

**m. parissy**

autor e editor na volta d'mar

e

**JAIME ROCHA**

autor

